

Delfim Santos

# Inéditos Pedagógicos (1932-1966)

EDIÇÃO COMEMORATIVA DO  
OCTOGÉSIMO ANIVERSÁRIO  
DA ENTRADA DE DELFIM  
SANTOS NA CARREIRA DE  
PROFESSOR LICEAL EM 1934

Apresentação

MARIA ONDINA DA COSTA ARAÚJO DE PEREIRA GONÇALVES

3.<sup>a</sup> edição

Escola Básica 2,3 Professor Delfim Santos  
Lisboa  
2014

[www.delfimsantos.org](http://www.delfimsantos.org)  
[www.delfimsantos.net](http://www.delfimsantos.net)  
[www.delfimsantos.com](http://www.delfimsantos.com)



ISBN: 978-1502970145.



Imagens do antigo Liceu Normal de Pedro Nunes  
onde decorriam os estágios dos candidatos à profissão docente

## NOTA PREAMBULAR

*D*estina-se esta edição a comemorar o Octogésimo Aniversário do início da carreira docente de Delfim Santos nos liceus públicos, carreira aliás bem curta e que iria durar oficialmente oito anos – na prática, porém, reduzidos ao ano letivo completo de 1934-1935 e ao 2.º semestre de 1942, entrecortados pelas novas funções que assumiu em Viena, Berlim e Cambridge como bolseiro de investigação científica, de 1935 a 1937, e em Berlim como leitor de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira, de 1937 a 1942.

Para esta coletânea foram reunidos dez textos, ainda inéditos, sobre pedagogia:

– o primeiro texto, ‘Problemas pedagógicos’, é uma das reflexões iniciais de Delfim Santos sobre questões de ensino: datado do Porto no início de 1932, resulta do seu primeiro ano de estágio para docente de História e Filosofia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, com aulas práticas no Liceu José Falcão da mesma cidade, que aí cursou em 1931-1932 e ao qual se seguiu um ano de inação por razões de saúde;

– o segundo ano letivo do seu estágio decorreria em Lisboa, em 1933-1934, no Liceu Normal de Pedro Nunes; durante esse período probatório o jovem estagiário redigiu três *conferências pedagógicas* que foram identificadas nos seus papéis: ‘Família e escola’, ‘A frequência dos liceus e o problema da seleção’ (que chegou até nós sob a forma de

resposta a um inquérito) e ‘O caderno diário’;

– incluiu-se igualmente o *Relatório de direção de classe* integrada no estágio do Liceu Normal lisboeta, em 1933-1934 (texto 5), o único entre estes textos inéditos cuja publicação Delfim Santos projetou: «*fiz ainda um relatório extenso das minhas funções de diretor de classe que, por ser geral e pressupor uma nova organização do ensino secundário, devo publicar também*»;<sup>1</sup>

– de igual modo foi resgatado o relatório da regência de classe no Liceu de Gil Vicente, em Lisboa, em 1934-1935 (texto 6), único ano completo de Delfim Santos já como professor efetivo dos liceus, após o qual, como foi referido, partiria no outono de 1935 para o seu prolongado périplo europeu; por esta altura recebera já um convite para se tornar professor metodólogo no Liceu Normal, proposta que viria a preterir pela mais aliciante oportunidade de se tornar bolseiro de estudos na Europa;<sup>2</sup>

– recolheu-se um inédito mais tardio que, na ausência de título atribuído pelo autor, foi intitulado ‘A autoeducação’; é um texto não datado, mas situável cronologicamente pela referência à nomeação de uma comissão de reforma do ensino liceal – facto ocorrido em 11.10.1944 e que resultou na reforma de 17.09.1947; a palavra ‘autoeducação’, conceito-chave deste texto, ocorre uma única vez e por essa época na sua obra publicada;<sup>3</sup> por fim, a possibilidade de o artigo se destinar a publicação na imprensa explica a menção «*neste lugar*» – o Autor teria em mente a coluna ‘Peço a palavra’, do vespertino lisboeta *Diário Popular* na qual, ao longo de 1946, o pedagogo

---

<sup>1</sup> - Delfim SANTOS (1934) Carta a José Marinho, 06.05, (1998) *Obras completas*, IV – *Correspondência*, 80.

<sup>2</sup> - Delfim SANTOS (1935) Carta a José Marinho, 12.05, (1998) *Obras completas*, IV – *Correspondência*, 88.

<sup>3</sup> - Delfim SANTOS (1946) *Fundamentação existencial da Pedagogia*, Lisboa: Gráfica Lisbonense, 43.

abordava em artigos incisivos diversos temas de atualidade, neles incluindo por vezes as questões do ensino: o texto ‘Aprendizagem’, publicado nessa coluna em 15.12.1946, apresenta semelhança de tema e de argumentação com ‘A autoeducação’;

– segue-se ‘A prática pedagógica’, que expõe a sua adesão à psicologia tipológica, ou caracterologia, cujo potencial científico ocuparia lugar de destaque nas suas reflexões sobre psicologia escolar e orientação vocacional; devido a conter também passagens similares a outras de *Fundamentação existencial da Pedagogia*, de 1946, deverá ser datado analogamente de meados da década de 1940;

– figura ainda nesta coletânea a inspirada evocação de *Shantiniketan*, o santuário pedagógico onde «se aprende mais do que se estuda», criado pelo poeta bengali Rabindranath Tagore (1861-1941),<sup>4</sup> texto não datado nem assinado mas conservado entre os seus papeis e que se insere numa genealogia de topias e utopias pedagógicas que remontam à célebre ‘Província Pedagógica’ de Goethe, debuxada em *Os anos de viagens de Wilhelm Meister*,<sup>5</sup> em Portugal, nos anos 20 e 30, vários ensaístas e conferencistas ocuparam-se daquela *escola ideal* indiana e da filosofia do seu fundador e inspirador;

– no final aparece um dos últimos escritos do Autor, um apontamento datado de 1966, em que se insiste de novo na necessidade da criação de um Instituto Superior de Educação para habilitar pedagogos, tema tratado quase dez anos antes na sua conferência pronunciada no Liceu Pedro Nunes sobre a ‘Formação de professores’, em 1958;

---

<sup>4</sup> - No Ocidente, uma das fontes sobre a mítica escola de Tagore é a obra de William Winstanley PEARSON (1916) *Shantiniketan: the Bolpur school of Rabindranath Tagore*, New York: The Macmillan Company.

<sup>5</sup> - Johann Wolfgang von GOETHE (1821) *Wilhelm Meisters Wanderjahre*; ver <http://manuela.delfimsantos.net/Goethe.html>, ensaio da aluna Manuela de Sousa Marques para a cadeira de História da Educação, regida por Delfim Santos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

seriam necessários ainda outros dez anos para que, em 1976, se instituisse a Faculdade de Pedagogia da Universidade de Lisboa.<sup>6</sup>

\*

\* \*

### *As conferências pedagógicas do Liceu Pedro Nunes*

Parece-nos relevante esclarecer a génese e o destino das três conferências pedagógicas que Delfim Santos redigiu durante o seu segundo ano de estágio probatório no Liceu Normal de Pedro Nunes, em Lisboa.

Estas conferências tinham sido iniciadas no ano letivo de 1930-1931 pelo Reitor António de Sá Oliveira<sup>7</sup> como um instrumento de reflexão pedagógica:

As conferências pedagógicas, dinamizadas pelos diferentes grupos de estágio ou por professores universitários, eram abertas a todos os professores da escola e a convidados e versavam sobre temas científicos, pedagógicos ou didáticos. O relato das experiências e das conferências pedagógicas era divulgado, nos primeiros anos, através do *Boletim do Liceu* (1906 a 1939).<sup>8</sup>

---

<sup>6</sup> - Decreto-Lei n.º 147/76 de 19 de fevereiro; a instituição, porém, nos termos em que foi projetada não saíria do papel.

<sup>7</sup> - Sobre a personalidade deste gestor educativo veja-se Jorge Ramos do Ó (2009) *Ensino liceal (1836-1975): «o Liceu Central de Lisboa (3.ª Zona Escolar), criado em 20 de janeiro de 1906 e que mais tarde tomou a designação de Liceu Central de Pedro Nunes. A imagem, tanto interna como externa, deste estabelecimento de ensino ficou indelévelmente associada à figura do seu primeiro reitor, António [de] Sá Oliveira (1872-1954), que cumpriu dois longos mandatos, os quais cobriram as três experiências de governo político do país que marcaram o século XX: a Monarquia, a República, o Autoritarismo. De facto, manteve-se na reitoria desde a fundação até setembro de 1919, numa primeira vez, e de outubro de 1930 a outubro de 1941, numa segunda»*, 86.

<sup>8</sup> - Fernanda Veiga GOMES (2010) *Pedro Nunes*, Lisboa: Ministério da Educação, 2.

Para o Reitor, as conferências eram um meio de suscitar o debate entre os três vértices da comunidade triangular normalista – o Reitor, os metodólogos e os estagiários – em torno das questões educativas:

Não nos pertence realizar alta cultura pedagógica; mas devemos contribuir [...] para a criação de um ambiente de cultura pedagógica, cuja falta por muitos modos se revela.<sup>9</sup>

O regulamento escolhido, porém, apresentava uma peculiaridade:

[...] todos os estagiários têm necessidade de se preparar para cada conferência, porque o relator é tirado à sorte e não há lugar para oferecimentos.<sup>10</sup>

Como o número de estagiários, somados os dois anos, ascendia a mais de meia centena, a hipótese que cada um deles teria de vir a ser sorteado para relator era bastante remota. Mas dado que o regulamento assim o exigia, o jovem portuense em tirocínio para professor liceal viu-se forçado a prepará-las, tal como constam do elenco da sua obra que conservou num pequeno caderno de notas:

## 1933

- 11 nov. Conferência pedagógica no Liceu Normal: A família e a escola.
- 18 nov. Conferência pedagógica no Liceu Normal: A frequência dos liceus e o problema da seleção.
- 2 dez. Conferência pedagógica no Liceu Normal: O caderno diário - 2 discursos.
- 9 dez. Conferência pedagógica: Sobre o escotismo (inédito).
- 16 dez. Conferência pedagógica no Liceu Normal: A Educação Física e os jogos (inédito).

## 1934

- 20 jan. Conferência pedagógica no aniversário do Liceu Normal: Exortação aos jovens (inédito).
- 14 fev. Conferência pedagógica na Sociedade de Estudos Pedagógicos: Sobre o ensino da Filosofia - 2 discursos (inédito).
- 28 fev. Conferência pedagógica: Sobre o ensino da Filosofia - 2 discursos (inédito).
- 14 mar. Conferência pedagógica: Sobre a Filosofia - 1 discurso (inédito).
- 11 abr. Conferência pedagógica na Sociedade de Estudos Pedagógicos: Sobre o ensino da

---

<sup>9</sup> - António de Sá OLIVEIRA (1934) Relatório do Reitor, *Boletim do Liceu Normal de Lisboa (Pedro Nunes)* 7, ano 3, Lisboa, 16.

<sup>10</sup> - *Idem, ibidem.*

Filosofia - vários discursos (inédito).

- 13 abr. Conclui e submete o *Relatório de direção de classe* no Liceu Normal de Pedro Nunes (texto 5 do presente volume).
- 21 abr. Conferência pedagógica no Liceu Normal: Sobre a personalidade moral de Pasteur (inédito).
- 25 abr. Conferência pedagógica na Sociedade de Estudos Pedagógicos: Sobre a Escola Nova – crítica (inédito).
- 9 mai. Conferência pedagógica na Sociedade de Estudos Pedagógicos: Sobre a religiosidade infantil (inédito).
- 12 mai. Conferência pedagógica no Liceu Normal: Linguagem e pensamento - 2 discursos (inédito).

O destino das três conferências pedagógicas de Delfim Santos aqui reunidas foi o esperado: o de terem ficado *inauditas* no Liceu Normal e *inéditas* no seu *Boletim*. Da identidade dos autores dos textos sorteados dá-nos conta essa publicação: ‘A família e a escola’ recaiu em D. Rosa Hália Teixeira; ‘A frequência dos liceus e o problema da seleção’ ficou a cargo de Álvaro Sampaio; e ‘O caderno diário’ coube a Bartolomeu Rocha.<sup>11</sup> O contraste dos textos delfinianos com os constantes no *Boletim do Liceu Normal* dá-nos a sensação de que foi melhor para o nosso Autor não ter sido contemplado no sorteio como relator – e, para as conferências, terem elas permanecido inéditas até hoje – tal a audácia e a *impublicabilidade* de algumas das suas proposições mais radicais e quase que diríamos *libertárias*, pontuadas, é certo, com ocasionais referências à sua formação evangélica, como uma citação do *Evangelho de Matheus*, curiosamente cortada; e no *Relatório de regência de classe* do ano seguinte encontra-se também uma referência conciliatória ao ensino, na antropogeografia, das *«teses criacionista e transformista [evolucionista] e a síntese das duas como talvez mais próxima da realidade»*.

Para além de preparar os seus próprios textos, Delfim Santos tomou parte na discussão que se seguiu à leitura da conferência sorteada sobre ‘O caderno diário’, um debate cuja transcrição, tal como consta no *Boletim*, é reproduzida aqui nesta edição no final do seu próprio texto. Alguma da irreverência original, embora não toda, foi mantida nessa intervenção. Delfim Santos, ciente de que o

---

<sup>11</sup> - AAVV. (1934) Conferências pedagógicas, *Boletim do Liceu Normal de Lisboa* (Pedro Nunes) 7, ano 3, Lisboa, 313-402.

caderno diário, cujo uso se tornara obrigatório desde 1931-1932, constituía um mecanismo de controle demasiado estrito do trabalho do aluno pelo professor, pelo examinador e até pelos pais, insiste na objeção que seguramente lhe granjearia o apoio dos seus colegas do corpo docente e que na sua própria versão do tema da conferência fora já desenvolvida na alínea d): a contestação a que aquele instrumento de aprendizagem pudesse servir para, em cúmulo de policiamento pedagógico, avaliar *também* o trabalho do professor. Esta estratégia retórica permitiu ao estagiário *tomar as dores* dos docentes na sua intervenção pública, conferindo ao seu posicionamento um peso argumentativo substancial.

### *As sessões culturais*

A atividade dos normalistas não se ficava pelas conferências pedagógicas: a partir do ano de 1933, o Liceu instituiu também as Sessões Culturais, um outro ciclo de conferências, agora de tema não pedagógico, preferencialmente feitas por alunos e que constituíam uma *escola livre* – como as antigas *universidades livres* e das *universidades populares* da época, apadrinhadas pelo carismático professor de Delfim Santos no Porto, o filósofo Leonardo Coimbra.

Delfim Santos regista no caderno de apontamentos a elaboração das suas próprias versões para estas sessões culturais e mais tarde refere, nas ‘Memórias do meu estágio’ – que precede uma conferência de 1958 que adiante se comenta e reproduz – ter pronunciado «*palestras de interesse formativo [...] a pedido dos alunos dos cursos complementares*». Seriam estas palestras as mesmas que se encontram na lista de textos originais? Em caso afirmativo, não sabemos quando foram apresentadas, pois a data registada no caderno coincide com as datas das sessões culturais *oficiais* respetivas.

Quanto a estas últimas, a informação do *Boletim do Liceu Normal* é generosa, nomeadamente acerca daquela que foi lida a 09.12.1933 pela aluna Margarida Parreira sobre ‘Baden Powell e o escotismo’. O *Boletim* conserva o relato das intervenções que Delfim Santos fez no final desta conferência, suscitadas pelas diversas objeções levantadas pelo Senhor Reitor durante a sessão pública, na qual, de modo muito

crítico, Sá Oliveira...

[...] refer[iu]-se à farda do escoteiro, sob a qual se esconde muitas vezes uma parcela de vaidade, e à origem do escotismo, que faz recordar a guerra e pergunt[ou] se ele não será uma escola feminista, visto que a escoteira desempenha, muitas vezes, funções que pertencem ao homem.

A discussão animou-se e Delfim Santos, que fora escoteiro, talvez percecionando as interpelações à conferência da aluna como passíveis de a pôr em cheque de forma antipedagógica, interveio em sua defesa:

O Sr. Dr. Delfim Santos, depois de apresentar os seus respetos à conferente, toma, em acaloradas palavras, a defesa do seu trabalho. Baden Powell procurou fazer a igualdade dos homens pelo escotismo, criando neles laços de bondade e fraternidade, que de forma alguma podiam levá-los à guerra; a farda serve para nivelar as condições sociais; e, quanto à inversão de funções, entende que não existe, mas que, pelo contrário, o escotismo leva tanto o homem como a mulher à melhor compreensão dos seus direitos.

A polémica, contudo, não ficou por aqui:

A aluna Hortense Monteiro declara que não é adepta do escotismo, não concordando, com isso, com o que a conferente expôs no seu trabalho. Para ela, a rapariga deve exercer em casa a sua atividade, criando, assim, um caráter tão são e bondoso como o da escoteira. A conferente defende-se acusando a mocidade moderna de pretensiosa e viciosa. Em seguida a Sr.<sup>a</sup> D. Carlota de Carvalho diz que o escotismo devia ser mais nacionalizado e feminilizado: não reconhece utilidade ao fardamento, pois entende que masculiniza a mulher.

Também perante estas intervenções Delfim Santos sente-se forçado a intervir, uma vez mais, em defesa do escotismo:

O Sr. Dr. Delfim dos Santos trata das opiniões da aluna Hortense Monteiro e da Sr.<sup>a</sup> D. Carlota de Carvalho. Baden Powell não pretendeu nacionalizar o escotismo, mas sim universalizá-lo, defendendo a fraternidade entre os povos e moderando-lhes os instintos sangrentos.[...] <sup>12</sup>

Quatro meses depois, no *Relatório de direção de classe* (texto 5), Delfim Santos condensa parte dos seus pontos de vista sobre aquele celebrado movimento de juventude nos comentários à disciplina de Educação Física, capítulo a que terá adicionado provavelmente também os vestígios da sua própria versão da conferência sobre ‘A Educação Física e os jogos’.

O ciclo cultural das Sessões prosseguiu com um palestrante convidado e o tema ‘Panorama da literatura grega’ pelo Doutor Agostinho da Silva, condiscípulo de Delfim Santos na Faculdade de Letras do Porto e a lecionar então no Liceu José Estêvão, em Aveiro. Em 1929 Delfim Santos tinha já redigido uma apresentação pública de Agostinho da Silva para uma conferência deste na Associação Cristã da Mocidade, do Porto, sobre ‘A vida romana no século de Augusto’, conferência de iniciativa do próprio Delfim Santos. Agora é o Reitor quem apresenta o conferencista, de 3 anos antes estivera no Liceu Normal a concluir o seu estágio.

Este programa encerrou-se a 21.04.1934 com a conferência sobre ‘Pasteur’ pelo aluno Jorge Cândido da Silva, a propósito da qual Delfim Santos tomou a palavra num sentido que se harmoniza com o título que conferiu ao texto da sua autoria registado na listagem do caderno de apontamentos, mais desenvolvido que o proposto pelo Liceu – ‘Sobre a personalidade moral de Pasteur’:

O Sr. Dr. Delfim Santos pede a palavra para se referir ao aspeto moral da obra de Pasteur e ao seu amor à humanidade. O 1.º facto que ressalta na sua personalidade moral é a humildade, diz, revelada nos seus trabalhos de medicina. O seu grande amor pela humanidade orientou

---

<sup>12</sup> - AAVV. (1934) Sessões culturais, *Boletim do Liceu Normal de Lisboa* (Pedro Nunes) 7, ano 3, Lisboa, 420.

não só os aspetos da sua vida científica, mas todos os outros dias da sua vida gloriosa, pois que pensava que a vida só valia quando trazia benefícios para os outros.<sup>13</sup>

Os restantes textos que figuram no índice do caderno permanecem inéditos, sendo possível que o Autor os não tenha conservado. Há ainda o registo, no *Boletim do Liceu Normal*, das intervenções feitas por Delfim Santos após a conferência sobre ‘O ensino das línguas vivas’, lida por Ávila de Azevedo a 12.05.1934.<sup>14</sup>

A sua ‘contra-conferência’ a ‘O ensino do Latim’, que coube ao estagiário Gomes Branco pronunciar a 27.01.1934, pode ser reconstituída com a diatribe anti-Latim a que o estreante *diretor de classe* se entrega no respetivo *Relatório* (texto 5). O seu posicionamento veemente poderia ter causas religiosas e ideológicas, tais como a sua formação protestante e alguma aproximação ao grupo da *Seara Nova* durante o ano de 1934-1935, onde António Sérgio era conhecido pelas suas posições anti-Latim e Agostinho da Silva, então também na órbita daquele grupo, havia já entrado naquela polémica, tal como muitos outros.<sup>15</sup> As guerras culturais, inquinadas pela política, que se travaram já desde a Monarquia em torno do peso e da presença desta disciplina nos programas liceais, foram historiadas por Guilherme Braga da Cruz.<sup>16</sup> Em 1947 a contenda foi decidida definitivamente pelo lado anti-Latim, tal como queriam os seareiros, pelo Presidente do Conselho, «*exímio latinista*», com o profundo desagrado de muitos

---

<sup>13</sup> - AAVV. (1934) Sessões culturais, *Boletim do Liceu Normal de Lisboa* (Pedro Nunes) 7, ano 3, Lisboa, 424.

<sup>14</sup> - AAVV. (1934) Conferências pedagógicas, *Boletim do Liceu Normal de Lisboa* (Pedro Nunes) 7, ano 3, Lisboa, 400-401; na p. 346 há registo de outra intervenção polémica de Delfim Santos.

<sup>15</sup> - Veja-se Ricardo VENTURA (s/d) *Agostinho da Silva e os estudos de Cultura Clássica*, agostinhodasilva.no.sapo.pt/Ricardo Ventura1.pdf.

<sup>16</sup> - ‘Relação do Latim com o Direito’, inicialmente publicado nas *Atas do colóquio sobre o ensino do Latim*, Coimbra, 1973 e reeditado em (1985) *Obras esparsas, vol. IV, Estudos doutrinários e sociais*, 2ª parte, Coimbra: Imprensa da Universidade, 463. No seu estudo, Guilherme Braga da Cruz acusa o Chefe do Governo, em termos muito duros, de ser o responsável direto pela queda final do idioma do Lácio na Reforma de 1947.

situacionistas – sobretudo de Marcello Caetano.

Todavia, a posição de Delfim Santos no *Relatório* do ano seguinte parece ser já indiferente, senão contraditória:

Além disso, o estudo do Latim e ainda de outras matérias deve ser utilizado pelo professor de Português para alargar e aprofundar, na medida do possível, o universo intelectual e moral dos alunos.

Na verdade esta mudança de perspetiva está em profundo acordo com o dever de constante evolução e indagação, atitude que propôs como ideal de conduta para o homem de pensamento em diversas instâncias da sua obra editada e nos escritos aqui reunidos.

### *Intervenções publicadas*

São três artigos de opinião os textos que Delfim Santos publicou na imprensa especializada sobre temas do ensino liceal enquanto nele exerceu a sua atividade docente:

- no ano de interregno do estágio, ‘Velhos e novos’, destinado originalmente a uma revista portuense de estudantes, *Outro Ritmo*, 24.04.1933; sai com alterações no semanário lisboeta (1935) *De Semana a Semana* 1, Lisboa, (fev.), 4; é já uma súpula das ideias que se acham esparsas nos inéditos aqui publicados;
- no segundo ano de estágio, (1934) ‘Ensino clássico? ensino moderno?’, *Labor* 54, ano 8, Aveiro, (abr.), 397-403;<sup>17</sup> toma uma posição contrária ao ensino das línguas clássicas e em geral ao ensino das humanidades do

---

<sup>17</sup> - Artigo publicado por intercessão de Agostinho da Silva que então, como foi dito, lecionava em Aveiro e que já aí publicara em (1931) Uma lição de latim à 7.ª classe de letras, *Labor* 31, ano 6, Aveiro, (mar.), 168-172. Recorde-se que os dois haviam estado juntos no projeto da revista *Princípio* de Álvaro Ribeiro, no Porto, onde no número inicial de 15.05.1930 Agostinho da Silva publicou ‘Os paladinos da linguagem’, 5-6, e Delfim Santos contribuiu com uma apresentação de Keyserling e da sua escola de Darmstad, ‘Keyserling’ e ‘Keyserling em Portugal’, 8-9.

passado, que considera desfasado dos novos tempos, preferindo-lhe o estudo das línguas vivas e os temas em relação mais direta com a vida atual;

– durante o seu único ano completo como docente efetivo, (1935) A missão do estudante, *O Clarão (Liceu Gil Vicente)* 3, ano 1, Lisboa, (fev.), 1; publicada neste jornal dos alunos, é uma exortação à opção pelos humildes.<sup>18</sup>

Ao mesmo tempo que Delfim Santos repensava o ensino liceal, empreendia a mesma tarefa quanto ao universitário, num manifesto que se conta entre os seus textos de maior impacto, publicado na imprensa em 1933 e reunido em brochura em 1934, a *Linha geral da nova universidade*. Escreve no final deste texto que...

A instrução primária é talvez aquela que maior desejo de reforma nos merece: porque é de todas a pior e porque os seus mártires não sabem criar complexos de defesa contra a incompreensão adulta.

Torna-se necessário, argumenta, «ligar o problema da instrução primária ao [do ensino] superior», denunciando uma educação exclusivamente conteudística, orientada ao saber passado e oposta a uma autêntica escola indutora de responsabilidade e liberdade:

Pretende-se que o aluno saiba muito, muito, muito. Não importa a natureza desse saber, nem a sua clareza, nem a sua compreensão. Basta a quantidade. Precisamos de dizer que os sábios não nos interessam e muito menos quando têm dez anos.<sup>19</sup>

### *A Sociedade de Estudos Pedagógicos*

No índice das conferências de Delfim Santos que chegou até nós, são mencionadas não só as conferências propostas pelo

---

<sup>18</sup> - Talvez relacionada com a 'Exortação aos jovens', conferência pedagógica de 20.01.1934 (v. *supra*).

<sup>19</sup> - Delfim SANTOS (1933) Inquérito sobre a universidade, *A Voz da Justiça*, Figueira da Foz, 05.04, 2.

programa de estágio, mas outras ainda que o jovem aspirante a docente pronunciaria na Sociedade de Estudos Pedagógicos – uma agremiação de educadores com alguns laivos republicanos que aprovara estatutos em 1907 e que também promovia conferências destinadas aos seus sócios. A Sociedade tinha sede na Rua da Fé, 53, 1.º, e a sua famosa *Revista de Educação Geral e Técnica* era distribuída na época pela *Seara Nova*, propriedade de Câmara Reys, amigo de Delfim Santos. Pelos índices da *Revista* se entende que nela foram sendo publicadas algumas versões das conferências preparadas pelos estagiários para o Liceu Normal e que não foram sorteadas para leitura, sendo então apresentadas na Sociedade.

De acordo com o caderno de Delfim Santos, os temas que preferiu para as preleções na Sociedade de Estudos Pedagógicos centram-se no ensino da Filosofia – configurando este temário como sendo o da sua predileção. Há ainda uma perspetiva crítica sobre o movimento da Escola Nova e uma reflexão sobre religiosidade infantil.

No seu já mencionado capítulo de memórias sobre o estágio, Delfim Santos refere o encerramento da Sociedade que *«foi extinta sem que qualquer de nós tivesse observado alguma coisa que o justificasse»*, supostamente por predominarem nela alguns elementos conotados com o regime republicano anterior. Note-se que a defesa pública que faz da extinta Sociedade de Estudos Pedagógicos, maioritariamente desafeta à Situação vigente na época, corre a par do louvor à obra de dois ministros da Educação, Cordeiro Ramos e Leite Pinto, aspirando sempre Delfim Santos ao arriscado exercício da justiça, num equilíbrio periclitante entre fortes pressões antagónicas.

### *Dois reitores, dois estilos*

O Liceu Normal era então um fervilhante laboratório de experiências pedagógicas, animadas pelo Reitor António de Sá Oliveira. A relação de trabalho entre este educador e o estagiário portuense, vindo de Coimbra, parece não ter sido das mais próximas: aqui e além notam-se alguns pontos de desacordo. Apesar disso, nas suas memórias o antigo estagiário opta por elogiar nele a sua incontestável dedicação à causa do ensino e a perspetiva *nacional* com

que sempre considerara os problemas pedagógicos, perspectiva essa a que Delfim Santos jamais renunciaria – num campo em que era recorrente a réplica mal assimilada de experiências estrangeiras mais ou menos controversas e frequentemente já ultrapassadas na fonte. As soluções terão de nascer da cultura em que a escola se insere, sem que, por esse facto, essa *educação nacional*, já exigida por Garrett, tenha de ser uma *educação nacionalista* que viesse a cercear ao jovem o acesso a uma perspectiva universalista do homem e da cultura, como fica patente em ‘Família e escola’ (texto 2):

Já não se trata de criar o homem útil à família, nem o homem útil à nação, mas sim o homem útil à humanidade.

Muito diferente seria o convívio que se iria gerar no ano seguinte com o Reitor Francisco Dias Agudo, do Liceu de Gil Vicente:

No Liceu [de Gil Vicente] dou-me muito bem com o Reitor. Temos longuíssimas conversas que não são, de modo nenhum, inúteis. Ele é bem meu amigo e tem-me prestado e continua a querer prestar-me bons serviços. Ontem tive uma longa conversa com o Pires de Lima, que tem esplêndida informação acerca do meu serviço e que me perguntou se [eu] queria ser [professor] metodólogo do Liceu Normal [de Pedro Nunes]. É, como vê, uma atitude de simpatia que eu devo, em grande parte, ao Dias Agudo.<sup>20</sup>

### *O Liceu Pedro Nunes e o estágio revisitados*

**I**niciadas em 1930-1931, as funções do Liceu Pedro Nunes como *liceu normal* para a preparação dos docentes liceais seriam interrompidas em 1947 e retomadas apenas 9 anos depois, em 1956-1957. Para relançar a formação dos estagiários novamente naquele Liceu, seria chamado para as funções de Reitor o antigo Reitor do Liceu de Gil Vicente, Francisco Dias Agudo, instituindo

---

<sup>20</sup> - Delfim SANTOS (1935) Carta a José Marinho, 12.05, (1998) *Obras completas*, IV – *Correspondência*, 88.

também ele um boletim, chamado agora *Palestra*, que depressa adquiriu grande prestígio entre a classe docente.

Dias Agudo, não esquecendo o jovem professor em início de carreira com quem privara em 1935 no Liceu de Gil Vicente, logo em 1958 convidará Delfim Santos para dar uma palestra sobre ‘Formação de Professores’ no Liceu *de novo* Normal, reproduzida depois no n.º 2 do também novo boletim – e de onde é extraída a sua página de memórias sobre o estágio que precede esta edição dos inéditos. É no próprio local onde as conferências pedagógicas tinham tido lugar que Delfim Santos irá revisitar essa sua experiência, tomando a palavra agora com um estatuto bem diferente daquele que tivera enquanto docente estagiário – e com o dobro da idade com que iniciara esse estágio aos 25 anos. Como era de supor, são admirados como *«tempos mais felizes»* esses recuados anos da década de 1930 em que o estágio decorrera, animados pelas ilusões de professor principiante que em seguida assistira ao soçobrar do inteiro edifício educativo pelas *«sucessivas reformas, de [simples] alteração de programas»* em que *«todos, querendo remediar o que se afigurava mal, o tornavam pior ainda»*. Meros remendos, como qualifica Delfim Santos esse afã reformista, aplicados para impedir uma verdadeira e *«total remodelação dos planos de estudos vigentes»* que solucionasse o problema da ausência de estudos e de investigação pedagógica em Portugal, causa da cronicamente deficiente gestão do ensino.

Delfim Santos chama publicamente a atenção para o descaso a que o seu pensamento e propostas eram votados pelas entidades administradoras da máquina educativa:

[...] neste domínio, em que aliás em Portugal todos se julgam competentes, para nenhuma reforma, para nenhuma alteração de programas, para nenhuma medida de alcance pedagógico nacional foi até hoje ouvido o único professor titulado como competente, que tem de limitar-se na sua cátedra a dizer como as coisas devem ser feitas enquanto outros as vão fazendo ao contrário.<sup>21</sup>

---

<sup>21</sup> - Ver ainda o comentário de Justino MAGALHÃES: *«Delfim Santos, na*

O único Professor Catedrático de Pedagogia do país estranharia acertadamente não ter sido jamais ouvido como consultor para as reformas da Educação. Talvez menos surpreendente fosse o facto de não ter sido ele nomeado para qualquer posto decisório, dado que provavelmente tal posto nunca existiu – «*Nunca tive poder*», lamentou Leite Pinto, um Ministro da Educação muito próximo de Delfim Santos<sup>22</sup> – tal como nos dias de hoje ele deverá tampouco existir nos domínios de uma política educativa nacional que tem permanecido nas mãos de burocratas e gestores sem a adequada preparação teórica ou a devida qualificação técnica.

É para remediar esta carência que Delfim Santos proporá à Fundação Gulbenkian, e verá aceite em 1962, a criação do primeiro centro português de investigação científica em Pedagogia, o Centro de Investigação Pedagógica, que desenvolverá uma importante atividade de pesquisa nos domínios da história da educação, da psicologia escolar, da orientação vocacional, entre outros.

Ainda naquele ano de 1958, o Reitor Dias Agudo irá organizar os *colóquios pedagógicos* para os docentes de História e no ano seguinte para os de Filosofia. Estas reuniões tinham a intervenção de professores universitários nacionais e mesmo do Brasil. Delfim Santos é convidado pelo Reitor para os presidir,<sup>23</sup> tendo as suas intervenções sido mais uma vez registadas, desta feita nas *Palestras* 6 e 7, respetivamente de 1959 e 1960:

---

*palestra intitulada 'Formação de Professores' que proferiu no Liceu Pedro Nunes, em 1 de março de 1958, lembrou não haver sido ouvido na elaboração da Reforma de 1957»,* (2013) Apontamento sobre a história da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa, Sérgio Campos MATOS e Jorge Ramos do Ó, orgs., *A Universidade de Lisboa, séculos XIX-XX*, volume II, Lisboa: Tinta-da-China, 1087-1105.

<sup>22</sup> - Jaime Nogueira PINTO (2007) *Salazar visto pelos seus próximos (1946-68)*, Lisboa: Bertrand, 165.

<sup>23</sup> - Por impossibilidade de comparência de Delfim Santos às duas últimas sessões do Colóquio de Filosofia, foi convidado para presidir a essas reuniões o Prof. Vieira de Almeida, que examinara Delfim Santos em Filosofia no Exame de Estado, no Liceu Pedro Nunes, em 1934 – (1960) *Palestra* 7, 75.

Usou da palavra, em primeiro lugar, o *Sr. Reitor do Liceu Normal de Pedro Nunes*, que [...] se referiu ao Prof. Delfim Santos, ligado a todos os problemas do ensino pela sua missão de [Professor] Catedrático de Ciências Pedagógicas da Faculdade de Letras [...] <sup>24</sup>

Foi realmente na sua cátedra universitária, tantas vezes nostalgicamente evocada pelos seus antigos alunos, que Delfim Santos pôde influenciar positivamente, durante décadas, as ideias e a prática de quase todos os futuros docentes formados pela Universidade de Lisboa, que viram ampliados os seus horizontes pessoais e profissionais nas lições do Professor sobre Pedagogia e Didática, História da Educação, Organização e Administração Escolar, História da Filosofia Antiga, entre outras. É nessa sua qualidade de estimulador de vocações para a obra educativa que o País viria a beneficiar do pensamento e da ação pedagógica de um dos homens mais bem preparados, e de categoria europeia, do séc. XX português.

Nos textos agora trazidos a público, Delfim Santos recorre umas vezes ao humor, outras à ironia e outras ainda a um uso sadio da provocação, que cultivou generosamente ao longo da sua obra publicada. Neles expõe uma muito própria visão das encruzilhadas escolares do seu tempo, que nas suas linhas mestras se pode dizer que são as de todos os tempos: finalidade da educação, métodos a empregar para se atingirem os proclamados fins e a preparação e qualidades necessárias aos docentes.

Nesta edição optou-se por manter os marcadores da incompletude e de hesitação do texto, tais como o registo de alguns cortes e marginálias manuscritas. Foram adicionados subtítulos para facilitar a leitura. ❧

F. D. SANTOS

---

<sup>24</sup> - AAVV. (1959) Jornal de 4 de abril – Primeiro colóquio dos professores de História dos liceus de Lisboa, *Palestra* 6, 94.